

*Os primeiros inquéritos da
delegada Bianca*

Renata Soltanovitch

São Paulo – junho/2026

2ª edição

Nunca é demais lembrar ao leitor que os nomes e as estórias são frutos de minha imaginação. Qualquer semelhança com o que você já ouviu por aí serve para lembrar que São Paulo está tão violenta que os crimes se repetem e os criminosos parecem não mais ter medo da polícia e/ou respeito pelo Poder Judiciário.

E, por se fruto de minha imaginação, não vou dividir este conto em competências das delegacias e muito menos me preocupar com questões envolvendo preconceitos... Aqui é tudo livre, sem ofensas e discriminações, e sim puro entretenimento!

SOBRE OS DIREITOS AUTORAIS DESTA OBRA

Este conto foi escrito em agosto de 2021 e publicado inicialmente em meu site, sendo posteriormente retirado para algumas alterações.

Após quase cinco anos, decidi incluí-lo novamente — desta vez com um propósito especial: destinar os direitos autorais desta edição ao Geebem – Centro de Estudos Espíritas Bezerra de Menezes, com endereço na R. Capellen, 36 - Jardim Caravelas, São Paulo - SP, 04728-040- www.geebem.org.br e, conseqüentemente, aos trabalhos sociais que a instituição apoia.

No site deles - www.geebem.org.br - há uma relação de organizações parceiras para que o leitor possa contribuir diretamente, seja por meio da doação de alimentos, medicamentos, roupas ou produtos de limpeza.

A sua ajuda pode transformar vidas — esse é o verdadeiro impacto desta obra.

Divirta-se!

Os primeiros inquéritos da delegada Bianca

Bia, como era conhecida, foi uma das melhores investigadoras do Estado de São Paulo e, após a morte de seu amado, o delegado Paul, decidiu prestar concurso para delegada de polícia – e é óbvio que passou em primeiro lugar.

Com o estresse que havia se sucedido com aquela morte e o mal-estar que foi administrar toda a situação, inclusive com a imprensa, o chefe da polícia, Dr. Abraão, decidiu montar uma equipe chefiada pela nova delegada Bianca, com um time totalmente feminino.

Decidiu apostar na sua intuição de anos como delegado-geral.

Agora, leitor, você irá conhecer o trabalho da equipe de mulheres na investigação.

O CASO DA JUJUBA

- I -

Não por acaso o chefe de polícia Abraão acabou envolvendo a equipe da delegada Bianca neste caso. Mas, como sempre, a imprensa estava em cima e a morte de um travesti, na forma como ocorreu, não era simplesmente um homicídio.

Bianca estava assumindo a delegacia naquele momento como chefe e se sentia segura e preparada, já que havia trabalhado como investigadora por muitos anos, inclusive com a delegada Raquel, que passou a comandar a corregedoria da polícia.

Sabia de sua responsabilidade e, em uma cidade como São Paulo, o trabalho seria árduo, mas confiava em sua equipe, exclusivamente feminina.

Era uma madrugada de quinta-feira e, embora estivesse muito quente, por conta do horário e da violência do centro de São Paulo, a delegacia estava com as portas fechadas e sua equipe trabalhava internamente, relatando inúmeros inquéritos que já estavam se acumulando, envolvendo os vagabundos da região central, que

passavam o dia roubando bolsas e celulares. Mas foi um tumulto na porta, com batidas fortes, que fez todas, com arma em punho, questionarem o que as pessoas que ali se aglomeravam queriam.

A delegada Bianca, com a coragem que lhe era ímpar, gritou:

– Todo mundo se afasta da porta e com a mão na cabeça. Aqui não é um boteco para ficarem gritando!

E continuou:

– Todo mundo com a mão na cabeça e olhando para o chão. Não admito desrespeito na minha delegacia!

Só para você entender a cena, leitor, havia umas cinco mulheres, entre travestis e prostitutas, todas muito bem arrumadas, socando a porta da delegacia para pedir providências.

É que Jujuba, a travesti do Largo do Arouche, havia sido morta, com diversos golpes na cabeça.

- II -

Tudo começou quando a polícia feminina, que estava em patrulhamento na região central, foi acionada via Copom para comparecer ao Largo do Arouche, atendendo a um chamado para resolver uma desinteligência na região.

Sua companheira de trabalho, outra prostituta, Solange, viu Jujuba sendo agredida por um homem que, com um pedaço de ferro, lhe golpeava na cabeça.

- III -

As mulheres se aquietaram com a chegada da viatura da polícia à delegacia e então a delegada Bianca abriu a porta.

De qualquer forma, toda a equipe, exclusivamente feminina, estava sob alerta, com as mãos em cima das armas que carregavam em seus coldres amarrados na cintura.

Entrou então na delegacia a PM Andrea, com sua farda bem passada e devidamente maquiada. Cumprimentou a delegada e já iniciou relatando os fatos:

– Dra. Bianca, boa noite.

– Boa noite, policial Andrea.

– Doutora, eu e minha colega de viatura fomos solicitadas via Copom para comparecer ao Largo do Arouche, onde havia ocorrido uma desinteligência. Quando chegamos, a vítima estava caída em decúbito ventral, inconsciente, com ferimentos na cabeça e sangrando muito. Imediatamente acionamos a viatura do Samu, e a vítima, socorrida, foi levada para o Hospital da Santa Casa, falecendo no caminho, segundo informações da encarregada da ambulância, já que apresentava politraumatismo no crânio.

– Entendi. A amiga da vítima, a tal Solange, está aqui, entre estas pessoas todas?

– Sim, está. É aquela ali, de vestido cor de rosa-choque e sandália de prata.

– Solange! – gritou a delegada, com sua voz intimidadora. – Venha aqui!

Solange estava tão nervosa, que conseguiu quebrar o salto de sua sandália, já esbravejando um palavrão.

– Desculpe, delegada – disse Solange. – Estou em choque com tudo o que aconteceu.

– Mostre seu documento e sente aqui, a escritã Rosa irá colher seu depoimento.

Rosa prestou concurso para escritã por falta de oportunidade na vida. Concluiu o ensino médio após alguns casamentos fracassados, algumas agressões morais pelos seus companheiros e posteriormente uma faculdade de assistência social que lhe rendeu muitos prejuízos financeiros e nenhuma habilidade profissional, até que prestou concurso para escritã.

Depois da qualificação de praxe, a escritã Rosa pediu para Solange descrever os detalhes do que tinha visto, e esta então começou a relatar:

– Estávamos bem na esquina do restaurante do chef francês, conversando com outras colegas, quando apareceu um veículo preto, sedan, do qual não consegui ver as placas. Um homem, de barba e bigode, de mais ou menos 1 metro e 80, já aparentando mais de 60 anos, desceu do carro e começou a gritar com a Jujuba de que tinha sido “roubado”. O indivíduo deu uma paulada na cabeça da Jujuba, que acabou caindo e, mesmo caída, o agressor continuou dando várias pauladas em sua cabeça, até que outro moço, que estava dentro do carro, no volante, pediu para que ele entrasse e, sem ao menos dizer o nome, somente gritou: “Entra, vai, rápido, já deu!”

E continuou Solange, chorosa:

– Na sequência, o indivíduo entrou no carro e se evadiu do local.

A escritã, com seu olhar duro, mas sem impor medo, perguntou se ambas, Solange e Jujuba, faziam ponto ali.

– Sim, fazíamos. Jujuba ainda não era operada, mas já tinha o nome social, inclusive no RG constava já Joelma Rodrigues, mas seu nome anterior era Valdeci Rodrigues.

– E quantos dias da semana vocês faziam ponto? Era no mesmo local e horário?

– Bom – disse Solange. – Somos garotas de luxo e raramente fazemos ponto. Não tem noite certa. Quando fazemos, é sim no local onde Jujuba foi agredida e o horário sempre após as 21h.

– E como tudo aconteceu? – perguntou a delegada, que estava em pé, do outro lado da sala

– Hoje – disse Solange –, quer dizer, na noite por volta das 21h, chegamos no ponto, onde já se encontravam mais duas meninas, a Laís e a Roberta. Elas também estavam aguardando algum programa e também fazem parte do mesmo book de garotas de luxo que nós. Neste dia, nenhuma de nós fez qualquer programa. Em dado momento, um carro preto, de vidros fumê, que ficava dando voltas no Largo do Arouche, parou ao lado da calçada onde estávamos e o passageiro, sem desembarcar inicialmente, começou a gritar para a Jujuba e dizer que havia sido roubado, mas sem especificar o que lhe roubaram.

– Mas qual foi a reação da Jujuba? – perguntou a escrivã Rosa.

– Ela negou o roubo.

– Vocês já tinham visto este homem anteriormente ou o carro nas redondezas?

– Não! – afirmou categoricamente Solange, e completou afirmando que não acreditava que Jujuba tivesse feito qualquer programa com ele, já que ela disse “nunca ter visto aquele homem na sua frente”.

Solange tomou um fôlego, pediu um copo de água e continuou:

– Depois destes xingamentos, o carro saiu e retornou minutos depois, vindo o homem nos surpreender ao sair do veículo quase que em movimento e com um pedaço de ferro em mãos, golpeou a Jujuba na cabeça por diversas vezes, mesmo quando ela já estava caindo no chão, e então acionei a polícia.

A delegada determinou que a escritã Rosa ainda ouvisse a travesti Laís e a prostituta Roberta, além das policiais que atenderam à ocorrência, e decidiu ir com as investigadoras Samantha e Paula até o local do crime, para colher mais informações e verificar os pontos que pudessem ter câmeras de monitoramento.

Constatando que havia marcas de substância hematoide na calçada e aproveitando que, embora quente, o tempo estava seco, determinou imediatamente a perícia no local, já que ninguém sabia da arma do crime e, segundo acreditava Solange, ele havia entrado no carro com ela.

Nos dias seguintes, houve um festival de depoimentos, tudo acompanhado pela delegada Bianca, atenta ao caso.

- IV -

Enquanto isso, no IML – Instituto Médico Legal –, já sob a chefia de Antonio e com todo o respeito ao corpo morto, ele explicou para a amiga da morta, Solange, que ela não poderia retirar o corpo que havia chegado morto já no hospital, pois era necessária ainda a necropsia, que ficou a cargo dele.

Completo que, posteriormente, somente algum membro da família poderia retirar o corpo, com autorização da delegada que presidia o inquérito, mas o que ele poderia fazer era vesti-lo de forma adequada, evitando qualquer mal-estar para a família quando do reconhecimento e contratação do agente funerário para as providências fúnebres.

E foi assim que Maria, mãe de Jujuba, uma católica ferrenha, acompanhada de Solange, foi à delegacia para buscar a autorização para retirada do corpo.

A delegada até quis ouvir Maria, mas esta estava envergonhada e pediu à delegada, de forma educada, que comparecesse à delegacia apenas após providenciar o enterro de seu filho, porém disse que, vinda de tão longe, certamente nada iria acrescentar aos fatos.

A delegada fez constar esta informação na autorização de liberação do cadáver e a assinou.

- V -

Como não há crime perfeito, sem solução, a delegada Bianca, empenhada em prender o sujeito, diligenciou no sistema Detecta, sistema este de monitoramento do governo, e, com a informação do nome da rua e do horário, verificou nas câmeras de monitoramento que o veículo preto mencionado pertencia a uma pessoa de nome Vânio. Ao identificar o proprietário, este foi intimado a prestar depoimento no mesmo dia em que recebeu a visita das investigadoras.

Sentindo-se seguro só porque as investigadoras eram mulheres, Vânio compareceu à delegacia dizendo que, embora o motorista naquele dia tivesse sido seu filho, foi ele quem desferiu, com o objetivo apenas de assustar Jujuba, os golpes em sua cabeça.

Segundo ele, o crime foi motivado porque havia contratado Jujuba para iniciar a educação sexual de seu filho, ao ver sua foto no book estampado no jornal do bairro.

Entretanto, sentiu-se enganado quando seu filho, após o programa, afirmou que Jujuba era homem e que, na verdade, tinha adorado o programa. Vânio, sentindo-se ludibriado, frustrado e envergonhado, foi lá para tirar satisfação com Jujuba, pois se considerou roubado por ela.

Confessou o crime e, acreditando que poderia sair pela porta da frente, rindo das mulheres que ali estavam na delegacia, foi indiciado e preso.

Mantendo-se em cárcere ali mesmo, a delegada Bianca fez um requerimento urgente pedindo a prisão temporária de Vânio, em razão do delito de homicídio. Após o deferimento, Vânio foi encaminhado ao IML e posteriormente ao CDP – Centro de Detenção Provisória –, aguardando a conversão da sua prisão temporária em provisória, até que o trâmite processual penal ocorresse.

Assim, Maria, mãe de Jujuba, voltou à delegacia para agradecer o trabalho realizado pela delegada e poder, assim, deixar seu filho descansar em paz!

O LENÇOL

- I -

A vida de delegada não é só glamour, como imaginam os concurseiros de plantão e especuladores das redes sociais que apontam ser esta uma profissão cheia de aventuras.

É trabalho duro! E a recém-delegada Bianca sabia disso.

Já tinha sido investigadora por anos e agora era a vez, após estudar e se dedicar para exercer a profissão com que sempre sonhara, de exercer, com responsabilidade, a função de delegada, sendo conduzida à chefia da delegacia, por determinação de seu chefe, o delegado-geral Abraão.

Nenhum dia era igual ao outro e, por mais que os crimes fossem severos, cabia à delegada um respeito profundo às famílias tanto das vítimas, como também dos presos.

- II -

Depois de agredir sua namorada em uma festa sertaneja, Norton apanhou de seus próprios amigos, até que a briga acabou com a chegada da Polícia Militar.

– Dra. Bianca, boa noite. Estamos conduzindo mais um preso em flagrante por agressão à namorada – disse a PM Andrea, ao trazer o preso algemado.

A escrivã Rosa, que estava ao lado da delegada, sorriu com ar de maldade e, olhando Norton nos olhos, falou:

– PM Andrea, algeme o sujeito aí na cadeira, que tenho alguns relatórios para terminar... deixe ele pensar na merda que fez e já pego o depoimento dele. Aproveite e vá até a copa, a cozinheira acabou de passar um café e assar um bolo

de cenoura com calda de chocolate. Aproveite para esquentar a alma, que a noite é longa e o frio será intenso nesta madrugada.

Andrea olhou o rapaz, que estava assustado e todo machucado pelos próprios amigos, pensou o quanto esta juventude estava perdida e foi tomar seu café.

- III -

– Ó garoto – gritou a delegada ao passar por ele e entrar na sua sala –, a PM Andrea já nos informou que você é maior de idade, mas não quer dar o número do telefone de seu pai. Só para te avisar que você ficará sentado aí até eu conseguir localizá-lo.

– Rosa – completou a delegada –, ache o pai do rapaz pelas redes sociais e espere para ouvi-lo. Só faça isto quando chegar o pai ou o advogado. Não quero complicação na minha delegacia.

Bateu a porta da sala com tanta força, que fez Norton cair no choro, arrependido até a alma de ter batido na namorada, até porque o maior medo dele não era a justiça, e sim o irmão dela.

- IV -

Não demorou nem duas horas, quando um tumulto se fez na porta da delegacia, com a chegada do irmão da namorada de Norton e seus comparsas.

Sem demorar, a delegada Bianca e suas investigadoras, Samantha e Paula, se postaram na porta, todas armadas, evitando a invasão à delegacia.

– Queremos acabar com a raça deste desgraçado! – esbravejou um rapaz todo tatuado, dizendo ser amigo da vítima.

– Vou mandar este sujeito para o inferno! – gritou outro rapaz, com piercing na língua e no nariz e uma tatuagem de caveira no meio da testa.

– Parados aí! – gritou a delegada, já com arma em punho, enquanto o irmão da vítima olhava tudo, de forma serena.

– O agressor está sob a custódia do Estado e ficará preso em minha delegacia até segunda ordem do juiz. Enquanto isso, vocês só serão chamados para depor quando eu determinar. Fora daqui, todo mundo!

Matheus, o irmão da vítima, que já havia dado entrada na internação da irmã no hospital local, para a cirurgia na face por conta da agressão, juntou todos os colegas para uma reuniãozinha fora dali e agradeceu a delegada pela cordialidade e proteção ao agressor.

Furiosa, a delegacia Bianca entra na delegacia gritando:

– Aqui ninguém protege agressor não, porra! Só temos que cumprir a maldita lei que visa a proteção dos custodiados e não das vítimas! Vai brigar com quem faz a lei!

Matheus ouviu muito bem o que disse a delegada e sabia o quanto ela estava certa, mas que também não resolveria nada falar com quem legisla.

– As leis são feitas por aqueles que, sabendo que muitas vezes irão descumpri-las, já as elaboram para sua proteção – disse em voz alta, o que fez os amigos o olharem desconfiados.

O pai de Norton chegou à delegacia meia hora depois que Matheus se foi, mas tempo suficiente para encontrá-lo caminhando na rua e entender o seu olhar ameaçador, que fez arrepiar os fios de todos os seus pelos do corpo.

– Boa noite. Meu nome é Natanael. Sou pai de Norton e gostaria de falar com a delegada.

– Pois não! – gritou a delegada, descendo as escadas com uma xícara de café nas mãos.

– Sou o pai de Norton, doutora, e gostaria de ver meu filho antes de o advogado chegar. É que o doutor Enéas vai demorar um pouco, pois ele estava pescando no litoral... está subindo a serra. A senhora se importa de me levar até a cela? Trouxe um lanche que a mãe dele fez! – e abriu a mochila para a delegada espiar.

A delegada consentiu com a cabeça.

Já era de madrugada e ela estava cansada. Não viu nada de mais em o pai ver o filho. Apenas pediu para Rosa acompanhar, embora Norton estivesse sozinho na cela da carceragem. Esta, por sua vez, designou sua função à novata Luciana.

– Vai lá, Luciana, e fica de olho neles!

Luciana estava sempre bem-humorada e só prestou concurso para escrivã porque seu sonho era ser escritora estilo Agatha Christie e só tinha um jeito de saber como os crimes aconteciam e se desenrolavam, que era através do interrogatório dos criminosos e participando das investigações.

Iria usar um pseudônimo para publicar as histórias, já que não queria perder o cargo ou se encrencar com a equipe na delegacia.

E foi assim que Luciana desceu à masmorra. Ouvindo as chaves das celas se esfregarem uma nas outras e perdendo-se em seus pensamentos, deixou o pai sozinho por cinco minutos com Norton. Tempo suficiente para lembrar que havia deixado seu celular carregando na mesa e precisava dele para gravar, de forma sigilosa, a conversa entre ambos e colocá-la como diálogos entre os personagens.

Quando desceu, o pai disse já ter terminado a conversa com Norton. Sorriu para Luciana e a autorizou a trancar a cela.

Natanael sorriu para o filho e disse:

– Lembre-se do que falei. Nenhum pecado é maior do que seu pecador!

Norton baixou a cabeça, enquanto ouvia o cadeado ser travado e o barulho de um rato querendo invadir o lanche deixado pelo seu pai em cima da cama de metal, coberta por um simples colchão sem forro.

- V -

O Dr. Enéas já chegou cheio de intimidade com a equipe, o que fez com que a delegada Bianca ficasse mais irritada do que de costume.

– Entendi, doutor. Sei que o senhor é amigo de fulano e de cicrano, mas, para mim, tanto faz. Vou cumprir a regra. Se o senhor quer entrar na carceragem e falar com Matheus, fique à vontade, mas a escritã Luciana vai lhe acompanhar.

– Mas tenho o direito de falar sozinho com meu cliente. Não quero babá!

– O senhor deve estar de brincadeira! Só pode! Minha escritã não é babá. Se o senhor quer falar no parlatório com seu cliente, espere ele no presídio. Aqui não temos espaço para isto! Vai reclamar com o secretário de Justiça!

– Tá bom! Deixa eu ver o meu cliente e depois decido.

– Traz o Matheus aqui – disse a delegada Bianca para a investigadora Samantha.

Samantha, largando o seu pedaço de bolo em cima de um inquérito, desceu com a escritã Luciana para pegar Norton, quando então deu um grito:

– Que merda! Me ajude aqui, Luciana, precisamos descer ele do lençol.

– Desprenda o lençol da grade – gritou Samantha. – Eu o seguro, enquanto isto, para ele não cair.

Enquanto fazia massagem no coração de Norton, pediu para Luciana chamar a delegada e o Samu, não necessariamente nesta mesma ordem.

E lá estava Norton, com asfixia mecânica por constrição cervical, meia hora depois de seu pai ter deixando a cela. Já estava morto quando encontrado!

Norton havia se enforcado com o lençol deixado pelo seu próprio pai e agora era preciso saber se o suicídio ocorreu por livre e espontânea vontade ou por induzimento ou instigação, já que não havia bilhete nenhum na cela.

Se a noite já tinha sido longa até então, a madrugada não terminaria nunca, pensou a delegada Bianca, louca para chegar em casa e tomar uma taça de vinho!

– Vamos aos procedimentos de praxe! – gritou a delegada para todas as meninas –, pois a noite será longa e ainda temos muito a fazer.

Que venha o próximo plantão!

O OLHO DO MORTO

- I -

E o próximo plantão chegou bem mais rápido do que sua folga, com a entrada de Antonio em sua sala:

– Boa madrugada, Dra. Bianca. Acabei de necropsiar o corpo de Rafael. Suturei o necessário e lamento pela mãe do menor, mas ele foi envenenado por pesticida Aldicarbe. Pode ter sido homicídio e não suicídio, como acreditavam alguns membros de sua família.

– Que loucura, Antonio. Quem fez isto? Ele não estava na festa da família?

– Sim, doutora, ele estava. Mas, segundo o laudo, o veneno foi ministrado algumas horas antes de seu falecimento, ou seja, embora ele tenha falecido em plena festa de aniversário de seu avô, parece-me que ele foi envenenado um pouco antes.

E, após breve pausa, continuou.

– De qualquer forma, doutora, já liberei o corpo para o velório e vou dar uma passada lá, pois sua alma estava muito inquieta e precisei conversar muito com ela para conseguir fazer a perícia em seu corpo. Embora alguns acreditem em suicídio por causa da briga com seu pai, sinceramente não me pareceu isto.

– Ok, Antonio – disse a delegada. – Confio em sua intuição. De qualquer forma, só falta ouvir a mãe e o avô, pois ambos estavam muito abalados para serem ouvidos naquele momento.

Antonio se dirigiu ao velório, mas levou consigo a escritã Luciana, que pediu autorização para a delegada, que consentiu de imediato, já que ela estava com seus inquéritos todos relatados, sem nada atrasado.

Mal se aproximaram do corpo, começou uma gritaria, com a mãe de Rafael desmaiada.

A atenção se voltou a ela e então Antonio constatou que Rafael, em pleno velório, havia aberto os olhos.

E Antonio era cuidadoso o suficiente para suturá-los e colá-los para que isso jamais acontecesse.

Rafael, ao abrir os olhos, estava alertando os presentes.

Imediatamente Antonio providenciou o necessário para suturar novamente os olhos de Rafael e, embora tenha percebido que a escritã Luciana estava assustada, orientou que ela ficasse atenta, pois era um sinal. O assassino estava ali.

A escritã Luciana, aproveitando o alvoroço, filmou, de forma discreta com o seu celular, o comportamento de todos os presentes e não tardou para perceber a inquietação de dois jovens ali presentes. Eram Benedito e Douglas, dois primos de Rafael.

– Por favor, rapazes, queiram me dizer seus nomes – disse Luciana, de uma forma afável, mas já mostrando a arma e o distintivo em pleno velório de Rafael. Aliás, ela sempre quis fazer isso, vendo em filmes, e era a primeira vez que o fazia. Estava em êxtase.

Os dois se entreolharam e, ao tentarem fugir, perceberam – o que era pura coincidência – que na porta havia duas policiais, Andréa e sua companheira de farda, Virginia – que estavam ali só para cumprimentar Antonio, pois estavam ali de passagem.

- II -

Virginia e Andrea, a pedido da escritã Luciana, levaram os rapazes para depor, aproveitando que o plantão de Bianca não havia se encerrado.

– Dra. Bianca, encontramos estes dois rapazes no velório de Rafael que não haviam sido ouvidos pela senhora – disse a PM Andrea, com um sorriso no rosto.

Bianca olhou desconfiada para Luciana, que havia acabado de chegar com o seu carro e sem Antonio a tiracolo, já jogando sua bolsa na mesa e dizendo que cuidaria daquilo.

– Luciana, quer me explicar o que está acontecendo aqui? – perguntou a delegada.

– Doutora, não é que o morto abriu os olhos quando os rapazes chegaram perto do caixão! – disse Luciana, agora achando até engraçado.

– Como assim?! – espantou-se a delegada.

E completou:

– Conheço Antonio o suficiente para saber que ele jamais deixaria de suturar um olho... agora, os dois!

– Pois é, doutora. E foi por causa disso que Antonio pediu para que eu ficasse esperta e então fiquei atenta ao comportamento dos rapazes, e foi ainda ouvindo o zumzum dos presentes que me aproximei dos rapazes... eles tentaram fugir e... bom, Andrea e Virginia estavam na porta do velório para dar uma carona para Antonio e... já detiveram os rapazes... e trouxemos para cá.

– Meu Deus – disse a delegada –, pelo visto não vou sair daqui tão cedo hoje!

- III -

Juro que pensei, leitor, neste primeiro momento, que eles fossem ficar calados aguardando o seu advogado.

- IV -

Benedito estava bem assustado. Foi a primeira vez que viu um morto abrir os olhos, disse para a escritã Luciana, daí por que teve vontade de sair correndo, pois ficou assustado.

Douglas, por sua vez, afirmou que estava já bem triste com a morte de seu primo e que, de fato, eles chegaram juntos à festa de seu avô.

– Nós quem, criatura? – perguntou a delegada para Douglas.

– Eu, Benedito e Rafael.

– Mas chegaram juntos vindos de onde? – questionou a delegada, enquanto Luciana digitava e olhava desconfiada para Douglas.

– Nós estávamos vindo da casa do Leo, que tinha se acidentado com a moto. Fomos fazer uma visita. Lá, tomamos refrigerante e Benedito deu para Rafael um bombom, mas eu não sabia que estava envenenado.

– Mas quem te disse que Rafael morreu envenenado? – indagou a delegada.

– Eu assisti em um filme... a pessoa começa a ficar zozza, com dor de barriga e de garganta. Depois vomita. E isto aconteceu com Rafael logo que saímos da casa do Leo até o percurso para a casa do vô, que leva meia hora a pé.

– Continue – disse a escritã Luciana.

–Então... aí chegamos à casa do vô, a minha tia deu um remédio para ele parar de vomitar... e ele parou. Sentou em um canto e ficou quieto. Depois morreu.

– Você também pediu um bombom para Benedito?

– Eu nem sabia que Benedito tinha qualquer bombom em mãos. Ele só deu ao Rafael e nem me ofereceu. Também, como estávamos indo para uma festa, nem pedi.

- V -

A delegada liberou Douglas, mas manteve Benedito na delegacia, para confrontar os depoimentos.

Benedito choramingou, confessou que ele e Douglas queriam matar Rafael por causa da herança que a tia havia incluído em um testamento.

A mesma tia que deu o remédio para Rafael parar de vomitar e que estava com câncer terminal, sendo que, rica, havia disposto todos os seus bens em testamento para os três. Sendo que, com a morte de Rafael, que era o seu sobrinho preferido, os bens seriam divididos apenas entre os dois.

Benedito foi preso, mas Douglas, naquele exato momento em que tentava fugir da cidade, foi preso pela PM Andrea, que estava fazendo uma ronda.

Agora encarcerados, não iriam mais desfrutar dos bens de sua tia quase morta, que teve tempo de mudar seu testamento.

“O senhor não duvide – tem gente, neste aborrecido mundo, que matam só para ver alguém fazer careta...” (fala do personagem de João Guimarães Rosa, em seu livro Grande Sertão: Veredas)